

A SABEDORIA

005 PSICOPATAS



HEM
MUITO



O QUE SANTOS, ESPIONES
E SERIAL KILLERS PODEM
NOS ENSINAR SOBRE O SUCESSO

KEVIN
DUTTON

A SABEDORIA
DOS
PSICOPATAS

Tradução de
ALESSANDRA BONRRUQUER

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Dutton, Kevin

D979s

A sabedoria dos psicopatas [recurso eletrônico]: o que santos, espiões e serial killers podem ensinar sobre o sucesso / Kevin Dutton; tradução Alessandra Bonruquer. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2018.
recurso digital

Tradução de: The wisdom os psychopaths
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-01-11411-2 (recurso eletrônico)

1. Psicopatas. 2. Livros eletrônicos. I. Bonruquer, Alessandra. II. Título.

18-47658

CDD: 616.8582
CDU: 616.89-008.1

Copyright © Kevin Dutton, 2012

Título original em inglês: The wisdom of psychopaths

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-11411-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas

promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Sumário

Prefácio

1. Escorpião interior
2. O verdadeiro psicopata pode se levantar, por favor?
3. *Carpe noctem*
4. A sabedoria dos psicopatas
5. Faça de mim um psicopata
6. Os sete sucessos capitais
7. Supersanidade

Notas

Agradecimentos

Nota do autor

Índice

A mente é seu próprio lugar, e dentro de si pode fazer um inferno do céu, um céu do inferno.

John Milton, *O paraíso perdido* (1667)

Prefácio

Meu pai era psicopata. Pensando bem, parece um pouco estranho dizer isso agora. Mas não há dúvida de que ele era. Ele era encantador, destemido, intransigente (mas nunca violento). E tinha tanta consciência quanto a geladeira de Jeffrey Dahmer. Ele não matou ninguém. Mas certamente aplicou alguns golpes.

Que bom que os genes não são tudo, não é verdade?

Meu pai também tinha um talento incomum para conseguir exatamente o que queria. Em geral, apenas com uma frase casual ou um único gesto significativo. As pessoas até mesmo costumavam dizer que ele *se parecia* com Del Boy. E ele se parecia mesmo, fisicamente, não apenas no modo de agir (ele também era feirante).

Only fools and horses era como um vídeo caseiro da família Dutton.

Lembro-me de uma vez ajudar meu pai a vender um monte de agendas no mercado de Petticoat Lane, no bairro londrino de East End. Eu tinha 10 anos na época, e era dia de escola. As agendas em questão eram um item de colecionador. Elas só possuíam onze meses.

— Você não pode vendê-las — protestei. — Está faltando janeiro!

— Eu sei — disse ele. — Foi por isso que esqueci seu aniversário.

— Oportunidade única de pôr suas mãos em uma agenda de onze meses, pessoal! Aproveitem a oferta especial de duas por uma e ganhem um mês grátis no ano que vem.

Nós vendemos todo o maldito lote.

Eu sempre defendi que meu pai possuía a personalidade ideal para a vida moderna. Nunca o vi entrar em pânico. Nem uma única vez eu o vi perder a calma ou ficar vermelho de raiva pelo que quer que fosse. E, acredite, houve muitas ocasiões em que ele poderia.

— Dizem que os seres humanos desenvolveram o medo como mecanismo de sobrevivência contra os predadores — ele me disse uma vez. — Mas a gente não vê muitos tigres-dentes-de-sabre rondando a Avenida Elephant and Castle, não é?¹

Ele tinha razão. Eu certamente não vira nenhum. Algumas cobras, talvez. Mas todo mundo sabia quem *elas* eram.

Durante muito tempo, enquanto crescia, eu achei que esse *bon mot* de meu pai fosse apenas mais uma de suas frases de vendedor. Hoje tem, amanhã não tem mais. Um pouco como o monte de porcarias que ele costumava vender. Mas agora, anos depois, percebo que havia uma profunda verdade biológica no que ele dizia. De fato, ele antecipou a posição assumida pelos modernos psicólogos evolucionistas com misteriosa e sublime precisão. Aparentemente, nós humanos realmente desenvolvemos a reação de medo como mecanismo de sobrevivência para nos proteger de predadores. Macacos com lesões na amígdala — o centro de triagem emocional do cérebro — fazem coisas muito estúpidas. Como tentar apanhar cobras.²

No entanto, milhões de anos depois, em um mundo no qual não há animais selvagens espreitando em cada esquina, esse sistema de medo pode ser excessivamente sensível — como um motorista nervoso cujo pé está sempre pairando sobre o pedal do freio —, reagindo a perigos que na verdade não existem e nos levando a tomar decisões ilógicas e irracionais.

“Não havia algo como um mercado de ações no Pleistoceno”, diz George Loewenstein, professor de economia e psicologia em Carnegie Mellon. “Mas seres humanos são patologicamente avessos ao risco. Muitos dos mecanismos que dirigem nossas emoções não estão realmente adaptados à vida moderna.”³

Eu prefiro a versão de meu pai.

Desnecessário dizer que a observação de que seres humanos modernos são patologicamente avessos ao risco não significa que esse foi sempre o caso. Na verdade, pode-se argumentar que aqueles de nós, hoje, que são clinicamente avessos ao risco — aqueles de nós, por exemplo, que sofrem de ansiedade crônica — simplesmente têm uma coisa boa em excesso. No tempo de nossos ancestrais, como sugerem os biólogos evolucionistas, a existência de indivíduos superatentos às ameaças pode ter sido decisiva na luta contra os predadores — e, desse ponto de vista, a ansiedade teria indubitavelmente servido como considerável vantagem adaptativa. Quanto mais sensível se fosse a pequenos estalidos nos arbustos, maior a probabilidade de se manter vivo, bem como à família e ao resto do grupo. Mesmo hoje, indivíduos ansiosos são melhores que o resto de nós em detectar a presença de ameaças: coloque a foto de um rosto zangado no meio de outras fotos de rostos felizes ou neutros e as pessoas ansiosas serão muito mais rápidas em detectá-lo que

os que não sofrem de ansiedade — o que não é uma má qualidade para se possuir quando se está sozinho à noite andando por uma vizinhança desconhecida. Ser ansioso pode ser útil às vezes.⁴

A noção de que transtornos mentais ocasionalmente podem ser úteis, de que podem conferir tanto imensa angústia quanto extraordinárias e estranhas vantagens a seus portadores, não é novidade. Como observou o filósofo Aristóteles há mais de 2.400 anos, “Nunca houve um gênio sem um traço de loucura”. Para a maioria das pessoas, graças ao sucesso de bilheteria dos filmes *Rain Man* e *Uma mente brilhante*, a ligação entre “gênio” e “loucura” é provavelmente mais aparente quando se trata de autismo e esquizofrenia. No livro *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*, o neurologista e psiquiatra Oliver Sacks narrou seu famoso encontro com “os gêmeos”. Profundamente autistas, John e Michael, na época com 26 anos, viviam em um hospital psiquiátrico. Quando uma caixa de fósforos caiu no chão, ambos disseram “111” simultaneamente. Enquanto Sacks apanhava os fósforos, ele começou a contar...⁵

De modo semelhante, o conhecido estereótipo do artista genial, mas atormentado, também não é sem fundamento. O pintor Vincent van Gogh, o dançarino Vaslav Nijinsky e o pai da “teoria dos jogos” (voltaremos a isso mais tarde) John Nash eram todos psicóticos. Coincidência? Não de acordo com Szabolcs Kéri, pesquisador da Universidade de Semmelweis em Budapeste, que parece ter encontrado um polimorfismo genético associado tanto à esquizofrenia quanto à criatividade. Kéri descobriu que pessoas com duas cópias de determinada variação de uma única “letra” química do DNA em um gene chamado *neuregulin 1*, variação previamente ligada à psicose — assim como a problemas de memória e sensibilidade à crítica —, tendem a ter desempenhos muito melhores em testes de criatividade que indivíduos com apenas uma ou nenhuma cópia da variação. Os que possuem apenas uma cópia também tendem a ser mais criativos, na média, que os que não possuem nenhuma.⁶

Até mesmo a depressão tem vantagens. Pesquisas recentes sugerem que o desânimo nos ajuda a pensar melhor — e também contribui para aumentar a atenção e melhorar nossa capacidade de resolver problemas. Em um engenhoso experimento, Joe Forgas, professor de psicologia na Universidade de New South Wales, colocou uma série de objetos, como soldados de brinquedo, animais de plástico e miniaturas de carros, perto do caixa de uma pequena papelaria em Sydney.⁷ Conforme os clientes saíam, Forgas testava

sua memória, pedindo que listassem tantos itens quanto possível. Mas havia um porém: em alguns dias, o tempo estava chuvoso, e Forgas punha o “Réquiem” de Verdi para tocar na loja; em outros fazia sol, e os clientes recebiam uma explosão de Gilbert e Sullivan.

Os resultados não poderiam ser mais claros. Clientes dos dias de “mau humor” lembraram quatro vezes mais objetos. A chuva os deixou tristes, e sua tristeza os fez prestar mais atenção. Moral da história? Se o dia estiver bonito, confira seu troco.

Quando se pega a estrada de transtornos que conferem vantagens, de males que vêm para o bem e de prêmios de consolação psicológicos, é difícil conceber uma condição que *não* valha a pena, de um jeito ou de outro. Obsessivo compulsivo? Você nunca vai deixar o gás ligado. Paranoico? Você nunca será enganado pelas letras pequenas de um contrato. Na verdade, medo e tristeza — ansiedade e depressão — constituem duas das cinco emoções básicas^a que evoluíram universalmente entre as culturas e que, como tais, praticamente todos nós experimentamos em algum momento de nossas vidas. Mas há um grupo de pessoas que é exceção à regra, que não experimenta nenhuma das duas — mesmo sob as mais difíceis e desafiadoras circunstâncias. Psicopatas. Um psicopata não se preocuparia ainda que ele^b tivesse deixado o gás ligado.⁸ Algum benefício aqui?

Pergunte isso a um psicopata e, na maioria das vezes, ele olhará para você como se *você* fosse maluco. Veja, para um psicopata, não existem males. Existem *apenas* benefícios. Você poderia pensar que a engenhosa observação de que um ano possui doze meses, e não onze, poria fim à ideia de vender aquelas agendas. Mas não para meu pai. Antes o oposto, na verdade. Ele viu isso como um argumento de venda.

Ele certamente não está sozinho. Nem, como alguns poderiam argumentar, completamente errado. Durante o curso de minha pesquisa, eu conheci muitos psicopatas de todos os grupos sociais — e não, que fique claro, apenas em minha família. É claro que, a portas fechadas, eu encontrei minha dose de Hannibal Lecters e Ted Bundys: pessoas tão sem remorso ou consciência que seriam convidadas para jantar na casa de qualquer psicopata que você mencione sem nem ao menos telefonar antes — bastaria aparecer por lá. Mas eu também conheci psicopatas que, longe de devorarem a sociedade por dentro, servem, por meio de atitudes calmas e da capacidade de tomar decisões difíceis, para enriquecê-la: cirurgiões, soldados, espiões, empreendedores — e, ousado dizer, mesmo advogados. “Não fique convencido

demais. Não importa quão bom você seja. Não deixe que notem você”, aconselhou Al Pacino como dono de um grande escritório de advocacia no filme *O advogado do diabo*. “Isso é uma gafe, meu amigo. Torne-se pequeno. Seja o caipira. O aleijado. O nerd. O leproso. O esquisito. Olhe para mim — eu fui subestimado desde o início.” Pacino interpretava o Diabo. E, talvez de modo não surpreendente, acertou exatamente no alvo. Se há uma coisa que psicopatas têm em comum é a consumada habilidade de se passarem por pessoas comuns, enquanto, por detrás da fachada — do brutal e brilhante disfarce —, bate o gelado coração de um impiedoso predador.

Como um jovem e extremamente bem-sucedido advogado me disse uma vez no terraço de sua cobertura sobre o Tâmis: “Em algum lugar de mim, lá no fundo, há um serial killer à espreita. Mas eu o mantenho distraído com cocaína, Fórmula 1, sexo casual e esplêndidas inquirições.”

Lentamente, eu me afastei do beiral da cobertura.

Esse encontro com o jovem advogado (mais tarde, ele me levaria de volta ao hotel, rio abaixo, em sua lancha) de certa maneira ilustra minha teoria sobre psicopatas: uma das razões pelas quais somos tão fascinados por eles é o fato de sermos fascinados por ilusões, por coisas que parecem normais na superfície, mas, examinadas mais de perto, revelam-se tudo menos isso. *Amyciaea lineatipes* é uma espécie de aracnídeo que mimetiza a aparência física das formigas das quais se alimenta. Quando suas vítimas finalmente desistem da ideia de que são boas julgadoras de caráter, já é tarde demais. Muitas pessoas que entrevistei se sentiam exatamente assim. E, acredite em mim, elas são as que tiveram sorte.

Dê uma olhada na imagem a seguir. Quantas bolas de futebol você consegue ver? Seis? Olhe novamente. Ainda seis? [* Vá até a última página deste prefácio e você encontrará a resposta no rodapé.](#)



Assim são os psicopatas. Externamente elegantes, seu charme, seu carisma e sua impecável camuflagem psicológica nos distraem de sua verdadeira face: a latente anomalia bem em frente de nossos olhos. Sua intoxicante e hipnótica presença nos atrai inexoravelmente.

E, no entanto, a psicopatia, como o Diabo e seu brilhante afilhado londrino acabaram de indicar, também pode ser benéfica. Ao menos em pequenas doses. Assim como a ansiedade, a depressão e vários outros transtornos psicológicos, ela às vezes pode ser adaptativa. Psicopatas, como veremos, têm uma variedade de atributos — magnetismo pessoal e talento para o disfarce sendo apenas o pacote inicial — que, uma vez dominados e controlados, oferecem vantagens consideráveis não apenas no ambiente de trabalho, mas na vida cotidiana em geral. A psicopatia é como a luz do sol. O excesso pode apressar a morte de um modo grotesco, cancerígeno. Mas a exposição regular, em níveis ótimos e controlados, pode ter impacto significativamente positivo no bem-estar e na qualidade de vida.

Nas páginas que se seguem, examinaremos esses atributos de modo detalhado. E veremos como sua incorporação em nossas próprias habilidades

psicológicas pode transformar nossas vidas de modo dramático. Evidentemente, não é de modo algum minha intenção glamourizar as ações dos psicopatas — certamente não os psicopatas disfuncionais. Seria como glamourizar um melanoma cognitivo, as malignas maquinações do câncer da personalidade. Mas evidências sugerem que a psicopatia, ao menos em pequenas doses, é como uma personalidade bronzada. E pode trazer benefícios surpreendentes.

Eu testemunhei alguns desses benefícios em primeira mão. Quando envelheceu e se aposentou da vida de feirante, os deuses não sorriram para meu pai. (Embora ele não fosse exigente: imagens de Buda, Maomé, Sagrado Coração, Virgem Maria... todas tiveram sua vez no bagageiro de sua van.) Ele foi diagnosticado com doença de Parkinson — e passou, com brevidade assustadora, de alguém que podia arrumar uma mala em 10 segundos (habilidade que se mostrara útil com surpreendente frequência) para alguém que não podia nem ao menos ficar em pé sem que o apoiassem pelos braços (“Nos velhos tempos, seria um policial de cada lado”, como ele diria).

Mas seu melhor momento, sem dúvida, ocorreu postumamente. Ao menos, eu só descobri depois que ele morreu. Uma noite, não muito depois do funeral, eu estava arrumando suas coisas quando por acaso encontrei um caderno de notas em uma gaveta. Eram anotações feitas por suas várias cuidadoras nos meses anteriores (contra os conselhos de praticamente todo mundo, ele dera um jeito de permanecer em casa) e formavam o que se poderia chamar de “diário” médico.

Eu lembro que a primeira coisa que me chamou atenção no diário foi o quanto as entradas eram claras e minuciosamente detalhadas. Inconfundivelmente feminina, a letra se espalhava com volúpia pela página, recatadamente vestida de azul ou preto Bic, sem ao menos uma serifa ou ligadura fora de lugar. Mas, quanto mais eu lia, mais se tornava claro para mim como houve pouca variedade nos últimos meses de meu pai sobre a terra; o quanto deve ter sido monótona, repetitiva e invariavelmente escura aquela negociação final, aquela última pechincha na feira da vida. Não que ele jamais tenha dado essa impressão quando eu o visitava. A doença de Parkinson podia estar arrancando o couro de seus braços e pernas, mas não era páreo para seu espírito.

Ainda assim, a realidade de sua situação era clara:

- O sr. Dutton levantou às 7h30.
- Fiz a barba do sr. Dutton.

— Fiz um sanduíche de pepino para o sr. Dutton.

— Trouxe uma xícara de chá para o sr. Dutton.

E assim por diante. E adiante. *Ad infinitum*.

Em pouco tempo fiquei entediado. E, como fazemos nessas ocasiões, comecei a folhear as páginas ao acaso. Até que algo capturou meu olhar. Em uma escrita trêmula e angulosa, garatujada em largas e fragmentadas letras maiúsculas bem no meio de uma das páginas, estava o seguinte: O SR. DUTTON DEU UMA CAMBALHOTA NO CORREDOR. Seguido, algumas páginas depois, por: O SR. DUTTON FEZ UM STRIPEASE NA SACADA.

Algo me disse que ele estava inventando. Mas, ei, estamos falando do meu pai. Para que modificar os hábitos de uma vida inteira?

Além disso, as regras do jogo haviam mudado. Por trás da mentira barata, escondia-se uma verdade maior e mais grandiosa: a história de um homem cuja alma estava sob fogo, cujos circuitos e sinapses estavam sendo irreversível e impiedosamente vencidos. Mas que, perdendo em um jogo já quase no fim, dava um brado de irrepreensível irreverência.

Cambalhotas e stripteases ganham de fazer a barba e comer sanduíches de pepino em qualquer comparação.

E daí que era mentira?

Notas

* Sim, você acertou. São mesmo seis bolas. Mas dê uma olhada nas mãos do homem. Notou algo incomum?

a As outras três emoções básicas são raiva, felicidade e repulsa. Existe alguma disputa sobre a inclusão de uma sexta, surpresa, nessa lista.

b Na maior parte das vezes, é “ele”. Para as possíveis razões, veja a seção de Notas no fim do livro.

Escorpião interior

Grande e Bom raramente são o mesmo homem.

Winston Churchill

Um escorpião e um sapo estão sentados à beira de um rio e ambos precisam chegar ao outro lado.

— Olá, senhor Sapo! — chama o escorpião por dentre os juncos. — Será que você poderia me dar uma carona nas suas costas através da água? Eu tenho assuntos importantes do outro lado e não posso nadar em uma correnteza tão forte.

O sapo imediatamente se enche de suspeitas.

— Bem, senhor Escorpião — ele replica —, entendo que você tenha assuntos importantes do outro lado do rio. Mas pense um pouco em seu pedido. Você é um escorpião. Você tem um grande ferrão na ponta de sua cauda. Assim que eu o deixasse subir em minhas costas, seria de sua natureza me ferroar.

O escorpião, que antecipara as objeções do sapo, contrapõe:

— Meu querido senhor Sapo, suas reservas são perfeitamente razoáveis. Mas claramente não é de meu interesse ferroar você. Eu realmente preciso chegar ao outro lado do rio. E dou minha palavra de que você não sofrerá nenhum dano.

Relutantemente, o sapo admite que o escorpião tem razão. Assim, ele permite que o artrópode cheio de lábia suba em suas costas. E, sem mais delongas, pula na água.

No começo, tudo vai bem. Tudo segue de acordo com o plano. Mas, no meio do caminho, subitamente o sapo sente uma dor aguda em suas costas — e vê, pelo canto do olho, o escorpião retirando o ferrão de sua pele. Um torpor começa a se espalhar por seus membros.

— Seu tolo! — coaxa o sapo. — Você disse que precisava chegar ao outro lado para resolver seus assuntos. Agora nós dois vamos morrer!

O escorpião dá de ombros e faz uns passinhos de dança nas costas do sapo prestes a se afogar.

— Senhor Sapo — replica ele casualmente —, você mesmo o disse. Eu sou um escorpião. Está em minha natureza ferroar você.

Com isso, tanto o escorpião quanto o sapo desaparecem sob as turvas e lamacentas águas da correnteza veloz.

E nenhum dos dois foi visto novamente.

Conclusão

Em seu julgamento em 1980, John Wayne Gacy declarou com um suspiro que sua única culpa real era “manter um cemitério sem licença”.

E que cemitério. Entre 1972 e 1978, Gacy violentou e matou ao menos 33 jovens e meninos (com média de idade de 18 anos), antes de enterrá-los no subsolo de sua casa. Uma de suas vítimas, Robert Donnelly, sobreviveu à atenção de Gacy, mas foi torturado tão impiedosamente por seu captor que, várias vezes durante seu cativeiro, implorou a Gacy para “acabar logo com aquilo” e matá-lo.

Gacy ficou perplexo. — É justamente o que estou tentando evitar — respondeu.

Eu segurei o cérebro de John Wayne Gacy em minhas mãos. Depois de sua execução por injeção letal em 1994, a dra. Helen Morrison — testemunha de defesa em seu julgamento e uma das maiores autoridades mundiais em serial killers — auxiliou em sua autópsia no hospital de Chicago e então dirigiu para casa com seu cérebro sacolejando dentro de um pequeno recipiente de vidro no banco de passageiros de seu Buick. Ela queria descobrir se havia algo nele — lesões, tumores, doenças — que o tornassem diferente do cérebro das pessoas normais.

Os testes não revelaram nada fora do comum.

Muitos anos depois, tomando café em seu escritório em Chicago, conversei com a dra. Morrison sobre o significado de suas descobertas. O significado de descobrir... nada.

— Isso significa — perguntei a ela — que, no fundo, somos todos

psicopatas? Que cada um de nós guarda em si a propensão a violentar, matar e torturar? Se não há diferença entre meu cérebro e o cérebro de John Wayne Gacy, então onde, precisamente, está a diferença?

Morrison hesitou antes de revelar uma das verdades mais fundamentais da neurociência.

— Um cérebro morto é muito diferente de um vivo — disse ela. — Por fora, um cérebro pode parecer muito similar a outro, mas funcionar de modo completamente diferente. O que pesa na balança é o que acontece quando as luzes estão acesas, e não apagadas. Gacy era um caso tão extremo que eu me perguntava se poderia haver alguma outra coisa contribuindo para suas ações — algum ferimento ou dano em seu cérebro ou alguma anomalia anatômica. Mas não havia. Ele era normal. O que mostra quão complexo e impenetrável o cérebro pode ser, quão relutante em revelar seus segredos. O quanto diferenças de criação, por exemplo, ou outras experiências aleatórias podem causar mudanças sutis no funcionamento interno e na química que, mais tarde, causarão alterações tectônicas no comportamento.

Ouvir Morrison falar sobre luzes e alterações tectônicas do comportamento me fez lembrar um rumor que ouvi certa vez sobre Robert Hare, professor de psicologia da Universidade da Colúmbia Britânica e uma das maiores autoridades mundiais em psicopatas. Nos anos 1990, Hare submeteu um relatório de pesquisa a um jornal acadêmico.¹ O relatório incluía os eletroencefalogramas de psicopatas e não psicopatas enquanto executavam o que são conhecidas como tarefas de decisão lexical. Hare e sua equipe mostravam aos voluntários uma série de cadeias de letras e eles tinham de decidir, tão rapidamente quanto possível, se essas cadeias formavam uma palavra.

O que eles descobriram é surpreendente. Enquanto os participantes normais identificaram palavras emocionalmente carregadas como “c-â-n-c-e-r” e “e-s-t-u-p-r-o” mais rapidamente que palavras neutras como “t-r-ê-s” ou “p-r-a-t-o”, esse não foi o caso com os psicopatas. Para os psicopatas, a emoção era irrelevante. O jornal rejeitou o relatório. Não, como se viu depois, por suas conclusões. Mas por algo ainda mais extraordinário. Os examinadores alegaram que alguns eletroencefalogramas eram tão anormais que não *poderiam* pertencer a pessoas reais. Mas é claro que pertenciam.

Intrigado com minha conversa com Morrison em Chicago sobre os mistérios e enigmas da mente psicopática — de fato, sobre recalcitrância neural em geral —, visitei Hare em Vancouver. O rumor era verdadeiro? O

relatório realmente fora rejeitado? Se sim, por quê?

Por causa de um bocado de coisas, como fiquei sabendo.

— Há quatro diferentes tipos de ondas cerebrais — disse-me ele —, partindo das ondas beta durante os períodos de extremo alerta, passando pelas ondas alfa e teta, até as ondas delta que ocorrem durante o sono profundo. Essas ondas refletem as flutuações do nível de atividade elétrica no cérebro em vários momentos. Nas pessoas normais, as ondas teta são associadas a estados de sonolência, de meditação ou sono. Em psicopatas, todavia, elas ocorrem durante estados normais e acordados — e às vezes mesmo em estados de elevada excitação.

“A linguagem, para os psicopatas, tem somente a profundidade das palavras. Não há contexto emocional por trás dela. Um psicopata pode dizer ‘Eu amo você’, mas para ele isso tem tanto significado quanto dizer ‘Vou tomar uma xícara de café’. Essa é uma das razões pelas quais psicopatas permanecem tão calmos e compostos em condições de extremo perigo e por que são motivados por recompensas e assumem riscos. Seus cérebros, falando quase que literalmente, são menos ‘ligados’ que o nosso.”

Pensei novamente em Gacy e no que eu aprendera com a dra. Morrison.

Aparentemente normal (Gacy era um pilar de sua comunidade, e certa vez chegou a ser fotografado com a primeira-dama Rosalynn Carter), ele camuflava seu escorpião interior com uma capa de charme afável.

Mas estava *inteiramente* em sua natureza ferrear você, mesmo quando estava prestes a se afogar.

— Não enche o meu saco — disse ele ao entrar na câmara de morte.

Sobre o andar

Fabrizio Rossi tem 35 anos e já trabalhou limpando janelas. Mas sua predileção por assassinatos acabou por vencê-lo. Agora, acredite ou não, ele vive disso.

Em uma suave manhã de primavera, enquanto, pouco à vontade, damos uma olhada no quarto de John Wayne Gacy, pergunto a Rossi sobre isso. Por que achamos os psicopatas tão irresistíveis? Por que nos fascinam tanto?

— Acho que a principal coisa sobre os psicopatas — diz Rossi — é o fato de, por um lado, eles serem tão normais, tão parecidos conosco, e, por outro,

serem tão diferentes. Veja bem, Gacy chegou a se vestir de palhaço para animar festas infantis. Esse é o problema dos psicopatas. Por fora, eles são tão comuns. Mas arranhe a superfície, dê uma olhada lá embaixo e você não sabe o que poderá encontrar.

Não estamos, é claro, no verdadeiro quarto de Gacy, mas antes em uma imitação meio debochada exibida naquele que certamente é candidato a museu mais repugnante do mundo: o Museu de Serial Killers, em Florença. O museu fica localizado na Via Cavour, uma próspera rua lateral a um grito de distância do Duomo.

E Fabrizio Rossi é seu curador.

O museu está indo bem. E por que não iria? Estão todos lá, se você gosta deles. Todo mundo, de Jack, o Estripador a Jeffrey Dahmer. De Charles Manson a Ted Bundy.

Bundy é um caso interessante, como digo a Rossi. Um horripilante portento dos poderes ocultos da psicopatia. Um mesmerizante indicador da possibilidade de que, se você olhar com atenção suficiente, pode haver mais naquele subterrâneo do que apenas segredos sombrios.

Ele fica surpreso, para dizer o mínimo.

— Mas Bundy é um dos mais notórios serial killers da história. Ele é uma das maiores atrações do museu. Como pode haver algo nele exceto segredos sombrios?

Pode. Em 2009, vinte anos após sua execução na Prisão Estadual da Flórida (no momento preciso em que Bundy era conduzido à cadeira elétrica, as estações de rádio locais pediram aos ouvintes para desligar os eletrodomésticos a fim de maximizar o fornecimento de energia), a psicóloga Angela Book e seus colegas da Universidade Brock, no Canadá, decidiram tomar o frio serial killer americano ao pé da letra. Durante uma entrevista, Bundy, que esmagou o crânio de 35 mulheres durante um período de quatro anos em meados dos anos 1970, disse, com aquele sorriso infantil e totalmente americano que lhe era característico, que ele podia descobrir uma “boa” vítima simplesmente pela maneira como ela andava.

— Eu sou o filho da puta mais frio que há, vocês jamais conhecerão outro igual — anunciou Bundy. Ninguém pode contradizê-lo. Mas, perguntou-se Book, também seria um dos mais sagazes?

Para descobrir, ela montou um experimento simples.² Primeiro, ela distribuiu uma Escala de Autoavaliação de Psicopatia — um questionário especialmente formulado para descobrir traços de psicopatia na população em

geral, em oposição a uma prisão ou hospital — a 47 estudantes universitários do sexo masculino.³ Então, baseada nos resultados, ela os dividiu por sua pontuação, alta ou baixa. Em seguida, filmou o modo de andar de vinte novos participantes enquanto caminhavam por um corredor de uma sala a outra, onde preenchiam questionários demográficos comuns. O questionário incluía dois itens: 1) Você já foi vítima de ataque no passado (sim ou não)? 2) Se sim, quantas vezes?

Finalmente, Book reproduziu os vinte segmentos filmados para os 47 participantes originais e apresentou um desafio: classificar, em uma escala de um a dez, a vulnerabilidade de cada um dos alvos.

O argumento era simples. Se a afirmação de Bundy se sustentasse, e ele realmente *tivesse* sido capaz de farejar fraqueza na maneira como suas vítimas andavam, então aqueles que tiveram pontuações mais altas na Escala de Autoavaliação de Psicopatia deveriam ser melhores em determinar vulnerabilidade que os que obtiveram pontuações mais baixas.

O que, como se viu depois, foi exatamente o que ela descobriu. Além disso, quando Book repetiu o procedimento com psicopatas clinicamente diagnosticados em uma prisão de segurança máxima, ela descobriu algo mais.⁴ Os participantes do primeiro estudo com pontuações altas em “psicopatia” podiam ser bons em identificar fraquezas. Mas os psicopatas clínicos fizeram melhor. Eles declararam explicitamente que era por causa da maneira como as pessoas andavam. Assim como Bundy, eles sabiam exatamente o que estavam procurando.

Os homens que encaravam os fracos

As descobertas de Angela Book não são fogo de palha. Elas fazem parte de um crescente número de estudos que, em anos recentes, começaram a mostrar a psicopatia sob uma nova e complexa luz: uma luz de certo modo diferente das sombras sensacionalistas lançadas pelas manchetes dos jornais e pelos roteiristas de Hollywood. A novidade é difícil de engolir. E é vista aqui, nesse cantinho homicida de Florença, do mesmo modo que em toda parte: com uma saudável dose de ceticismo.

— Você quer dizer — pergunta Rossi, incrédulo — que há vezes em que não é necessariamente ruim ser psicopata?

— Não somente isso — concordo —, como também há vezes em que na verdade é uma coisa boa, ocasiões em que, sendo psicopata, você tem vantagem sobre as outras pessoas.

O antigo lavador de janelas parece longe de estar convencido. E, olhando em volta, é fácil entender por quê. Bundy e Gacy não são exatamente as melhores companhias do mundo. E, sejamos francos, quando há várias dezenas de outros espalhados pelas alas do museu, é difícil ver o lado positivo. Mas o Museu de Serial Killers não conta a história inteira. Na verdade, não conta nem a metade. Como Helen Morrison elucidou de maneira eloquente, o destino de um psicopata depende de uma grande variedade de fatores, incluindo genes, histórico familiar, educação, inteligência e oportunidade. E o modo como esses fatores interagem.

Jim Kouri, vice-presidente da Associação Nacional de Chefes de Polícia dos Estados Unidos, afirma algo semelhante. Kouri observa que traços comuns entre serial killers psicopatas — imensa autoestima, capacidade de persuasão, charme superficial, frieza, ausência de remorso e manipulação — também são partilhados por políticos e líderes mundiais. Indivíduos, em outras palavras, que não estão correndo da polícia, e sim concorrendo a gabinetes. Esse perfil, como nota Kouri, permite que aqueles que o possuem façam *o que* querem *quando* querem, completamente indiferentes às consequências sociais, morais ou legais de suas ações.

Se você nasceu sob a estrela certa, por exemplo, e tem tanto poder sobre a mente humana quanto a lua sobre o mar, você pode ordenar o genocídio de 100 mil curdos e caminhar para a forca com recalcitrância tão misteriosa que mesmo seus detratores mais duros o olharão com certa deferência perversa e muda.

“Não tenha medo, doutor”, disse Saddam Hussein no patíbulo, minutos antes de sua execução. “Isso é para homens.”

Se você é violento e sagaz, como o Hannibal Lecter da vida real Robert Maudsley, você pode atrair um colega prisioneiro até sua cela, esmagar seu crânio com um martelo e degustar seu cérebro com uma colher, tão casualmente quanto se estivesse comendo um ovo quente. (Maudsley, por falar nisso, está em confinamento solitário durante os últimos trinta anos, em uma cela à prova de balas no subsolo da Penitenciária de Wakefield, na Inglaterra.)

Ou, se você é um neurocirurgião brilhante, inabalavelmente frio e capaz de manter o foco sob pressão, você pode, como James Geraghty, tentar sua sorte

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Sabedoria dos Psicopatas"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).